

O emprego para quem é especial

Ser portador de alguma deficiência física ou intelectual não pode ser uma barreira para ocupar uma vaga no mercado de trabalho

Isabela Fleischmann
Reportagem Local



O problema em um dos braços não impediu Jeferson Roberto da Silva, 53, de ocupar a vaga de almoxarife em um hospital de Londrina



Psicóloga organizacional Nathália Gasque Nascimento: "a deficiência não é um limitador como as pessoas pensam"

Jeferson Roberto da Silva, 53, é almoxarife em um hospital de Londrina há um mês. De Cambé, ele conseguiu a vaga de emprego pelo Sine (Sistema Nacional do Emprego) em Londrina. "Fiz a entrevista, eles gostaram do meu perfil. Hoje trabalho na central de abastecimento de remédios. Separo medicamentos, coloco etiquetas". Assim como ele, sua vaga é especial. Silva tem uma deficiência física no braço direito desde os três anos de idade.

Ele conta que nasceu com problemas nas amígdalas e que o médico optou por não operá-lo pela dificuldade do procedimento à época. "Hoje em dia, se tem um problema nas amígdalas, a operação é de manhã e pela noite já está bem. Antes, era mais complicado". Aos três anos, o inchaço da amígdala o impediu de respirar e ele teve de operar. Depois da cirurgia, teve uma parada cardíaca que paralisou todo o lado direito. Ainda passou por algumas cirurgias na mão, no braço e no pé.

O último Censo Demográfico apontou que 45,6 milhões de brasileiros têm pelo menos um tipo de deficiência. Mesmo que o número represente 23,9% da população, a sociedade ainda não é adaptada para as pessoas especiais. Estima-se que no Paraná, mais de um milhão de pessoas tenha alguma deficiência, intelectual ou física. Enquanto isso, a Munic (Pesquisa de Informações Básicas Municipais), de 2014, apontou que a maioria dos municípios brasileiros não promove políticas de acessibilidade: 72,6% não têm programas de geração

de trabalho e renda ou inclusão no mercado de trabalho para pessoas com deficiência.

As pessoas excepcionais representam apenas 8,2% da população economicamente ativa do País, de acordo com os dados de 2016 do Rais (Relação Anual de Informações Sociais). Hoje, Silva faz parte da pequena porcentagem de trabalhadores PCD (Pessoas com Deficiência). "Esse trabalho é tranquilo, o pessoal me ajuda bastante. Se eu tenho alguma dificuldade, eles me ajudam. O que eu não sei eu pergunto para eles". Antes de trabalhar, o almoxarife não recebia o BPC (Benefício de Prestação Continuada). O auxílio federal garante um salário mínimo mensal à pessoa com deficiência que comprovar que não tem como se manter.

"Eu moro sozinho. O que eu ganho hoje dá para me manter. Não recebi o auxílio. Se

meu pai tivesse ido atrás, teria conseguido. Mas não posso criticar ou cobrar-lo", disse. Todo dia ele chega pontualmente ao trabalho, como ressalta a responsável pelas contratações do hospital, a psicóloga organizacional Nathália Gasque Nascimento. "Ele está se destacando. É muito querido, dedicado, assíduo, responsável, chega no horário. Cumpre tudo o que um colaborador cumpre, a deficiência não o impede em nada".

No mesmo setor de Silva, outras cinco pessoas especiais trabalham. Nascimento lembra que o hospital tem 50 funcionários PCD. "Temos trabalhado para contratar mais", disse. As vagas PCD vão desde a portaria até áreas de supervisão.

"São vagas para deficiência física e intelectual. Já chegamos a até criar vaga para a pessoa. Vejo o que ela desempenharia bem", pontuou.

Desde janeiro de 2016, o Estatuto da Pessoa com Deficiência determina que as empresas com mais de cem empregados preencham o quadro de funcionários com reabilitados ou pessoas com deficiência. As proporções de vagas PCD variam de 2 a 5%.

"A gente tenta não só seguir pelas cotas, mas também achamos muito legal esse trabalho de inclusão. Temos um número

significativo de deficientes e a gente percebe que eles produzem como qualquer outra pessoa, que a deficiência não é um limitador como as pessoas pensam", lembra Nascimento.

Muitas vezes o hospital tem de adaptar o setor para receber a pessoa com deficiência, de acordo com a psicóloga. "Se há um cargo que eu sei que a função exige o que a pessoa com deficiência não pode, valorizo outras competências dela, não a exponho a uma situação difícil".

Temos um número significativo de deficientes e percebemos que eles produzem como qualquer outra pessoa

QUALIFICAÇÃO

Segundo o secretário municipal do Trabalho, Emprego e Renda, Elzo Carreri, é difícil encontrar mão de obra qualificada para empresas. "Áreas que exigem maior qualificação são as mais complicadas. A pessoa com deficiência que não esteja em atividade profissional tem um benefício contínuo. Por conta disso, nós acreditamos que há uma dificuldade da pessoa largar mão de receber o benefício para ser contratada pelo mesmo salário.

O que a gente estimula é que as pessoas com deficiência têm que se qualificar, têm que estudar e se aperfeiçoar porque há várias vagas mais especializadas, em que o salário é três, quatro, até cinco vezes o salário mínimo", lembrou.

Todas empresas independentemente do ramo e atividade devem cumprir a cota PCD. "O que a gente cobra muito, pelo menos uma vez por ano, do agora extinto Ministério do Trabalho, é uma posição das empresas que estão cumprindo essa cota ou não". A fiscalização continua, mesmo com a transferência das atribuições da pasta para o Ministério da Economia, de acordo com Carreri. "Até o momento não recebemos nenhuma instrução de mudança nas atividades do Ministério do Trabalho". A fiscalização ordinária do cumprimento da cota está agora vinculada à Secretaria da Economia por meio dos auditores do trabalho.

Quando a fiscalização não é suficiente para persuadir a em-

pregadora a cumprir a cota, os auditores enviam peças informativas para o Ministério Público do Trabalho, que podem ser convertidas em inquéritos civis propostos por TACs (Termos de Ajustamento de Conduta) ou propostas de ações na Justiça do Trabalho.

Entre as áreas com mais dificuldade para pessoas PCD está a construção civil. Segundo Rodrigo Zacaria, presidente do Sinduscon (Sindicato da Indústria da Construção Civil) Paraná Norte, o sindicato mantém permanentemente em discussão a questão da inclusão segura de pessoas com deficiência no setor da construção civil.

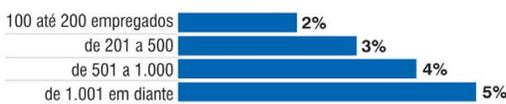
"As dificuldades de contratação no setor são inúmeras, que vão desde a falta de PCDs qualificadas, até questões inerentes da construção civil, que possui uma dinâmica muito peculiar, pois além de envolver risco de atividade grau 3, conforme a NR18 (norma regulamentadora do trabalho), o local de trabalho, que é propriamente a obra, é diariamente modificado pelo processo construtivo, ou seja, em um dia existe um corredor e no dia seguinte poderá ser um construída uma parede no mesmo local. É uma indústria móvel", disse.

Há três anos o sindicato apresentou um estudo sobre a viabilidade de inserção segura de PCDs em canteiros de obra, a orientação às empresas para que observem qual função é mais segura para os tipos de deficiências do trabalhador.

"O setor tem plena consciência de que a deficiência física não impede as pessoas de trabalharem na construção. Todos querem produzir e as PCDs não são diferentes. Inclusive são ótimos trabalhadores, dedicados e pontuais. Estamos continuamente nos esforçando para a superação dos obstáculos nesta atividade", afirmou.

INFOGRÁFICO

Cota de vagas PCD em relação aos empregados da empresa



Fonte: Lei de Cotas, Estatuto da Pessoa com Deficiência

Folha Arte

Fiscalização e qualificação para preencher as vagas

O Ministério Público do Trabalho de Londrina tem uma atuação proativa no cumprimento das vagas para PCDs pelas empresas, como ressalta o procurador Marcelo Adriano da Silva. "A gente sabe que os empregadores que têm dificuldades nessa contratação, elas acontecem porque eles apresentam muitas exigências, acima da qualificação que normalmente uma pessoa com deficiência tem. Dependendo do grau de deficiência, ela não consegue ter a formação exigida para o cargo, falta acessibilidade, tecnologias assistivas, apoios previstos na legislação que têm de serem fornecidos para as pessoas com deficiência em pé de igualdade com as demais pessoas para ocupar vagas no mercado de trabalho", garantiu.

A priori, a sociedade não pode excluir a pessoa com deficiência de nenhum trabalho.

Mas, o senso comum prega que em situações de trabalho braçal e áreas que oferecem naturalmente um risco, é complicado a inserção da PCD, de acordo com Silva. "Mas, a tecnologia está aí para isso. Os engenheiros, sobretudo, concebem tecnologias para as mais variadas funções, que no passado pareciam inimagináveis", pontuou.

"Temos procedimentos que foram instalados em diversas empresas no passado, com TACs (Termos de Ajustamento de Conduta) assinados, com ações ajuizadas na Justiça do Trabalho em relação a empresas que não cumprem a cota espontaneamente", disse.

Os empregadores que não fazem isso, tanto em um TAC quanto em uma ação, são sujeitos a uma multa com valor estipulado por trabalhador não contratado. "Para empresas que estão nessa situação vale

ouro conseguir cumprir a cota, porque elas estão sujeitas a uma penalidade que não é pequena", lembrou.

Por conta disso, vagas para PCD acabam sendo disputadas por empresas que buscam preencher o quadro de funcionários. Já o secretário municipal do Trabalho, Emprego e Renda, Elzo Carreri, acrescenta que o imbróglio está nessa dificuldade da PCD estar preparada para a vaga. "As vezes a vaga até existe, mas a pessoa não está preparada naquele momento para aquela vaga. Então enquanto ela estiver recebendo o benefício, se ela tiver condições de estudar e de se aperfeiçoar, aqueles que podem, devem fazer para serem absorvidos pelo mercado de trabalho ganhando bem mais".

A secretaria de trabalho oferece cursos de qualificação em áreas técnicas por meio de parcerias com entidades. As aulas

são tanto para pessoas com deficiência como sem deficiência. "Nós fazemos todo mês de setembro um dia D em que concentramos as contratações de pessoas com deficiência. O Sine fecha para qualquer outra atividade", lembrou Carreri.

Nesse dia, a empresa se apresenta para oferecer vagas da cota que não conseguiu cumprir. No último dia D, mais de 150 empresas compareceram. "Muitas contratações são feitas em loco, depois da entrevista".

O Sine oferece permanentemente vagas para pessoas com deficiência como auxiliares administrativos, de limpeza, de linha de produção, enfermeiros, entre outros. O número é atualizado duas vezes por dia. "Já chegamos a ter 90 e tantas vagas disponíveis em um dia", disse Carreri. As vagas podem ser consultadas pelo site www.londrina.pr.gov.br/trabalho. (I.E)

ABRAHAM SHAPIRO

“Você é responsável pelo que há de bom e de ruim na sua vida”

Estamos todos em guerra

O mundo se torna cada vez mais competitivo em muitas áreas. Na política, nos negócios e até nas artes encontram-se adversários que farão de tudo para ganhar vantagens.

Muito mais perturbadoras e complicadas, porém, são as batalhas que enfrentamos com aqueles que supostamente estão do nosso lado. E elas existem. Refiro-me às pessoas que visivelmente fazem o jogo sutil da agressão passiva oferecendo ajuda ou declarando-se boas, mas adotam atitudes que negam a paz ou o amor que devia existir. Sua resposta é traição, maledicência, conluio etc.

Em todas as situações, o mais importante é ver as coisas como elas são, sem o colorido que as nossas emoções costumam dar. As reações emocionais aos fatos atuam como um tipo de doença. E precisa ser curada. Medo, ansiedade, raiva, tristeza e impaciência nos levam a superestimar o inimigo. Como consequência, agimos de modo defensivo, além de nos empurrar a tomar atitudes precipitadas, o que reduz as nossas opções e chances.

Por outro lado, excesso de confiança também não é bom. Amor e afeto nos deixam cegos para as manobras traiçoeiras daqueles que aparentemente estão de nosso lado.

O melhor de todos os estados é ter consciência de que as emoções são inevitáveis e por isso devem ser minimizadas. A guerra exige o máximo de realismo. Quanto mais você puder limitar ou equilibrar as suas reações emocionais, mais perto chegará deste ideal.

Você é responsável pelo que há de bom e de ruim na sua vida. Então, encare tudo o que as outras pessoas fazem como uma manobra estratégica, uma tentativa de vencer. Pense. Trace o seu plano e aja em conformidade a ele. Só não seja ingênuo em pensar que bondade e justiça são o padrão de vida dos demais.

Abraham Shapiro é consultor e coach de líderes em Londrina